

## ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

**Saúde, cultura e raízes ancestrais: fitoterapia indígena como prática de cuidado histórico pela biografia das plantas***Health, culture and ancestral roots: indigenous phytotherapy as a practice of historical care through the biography of plants***Beatriz Brandão;**  <sup>I</sup> \* **Sanderline dos Santos**  <sup>II</sup><sup>I</sup> Universidade do Grande Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil<sup>II</sup> Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil**Palavras-chave:**  
fitoterapia indígena;  
raízes ancestrais;  
etnomedicina; cultura da terra.**Resumo:** Este texto traz o diálogo entre uma Pajé, da etnia Potiguara, e uma antropóloga sobre saúde e cultura ancestral a partir da fitoterapia indígena. Trata-se de um relato de experiência do curso feito com a Pajé Amanacy, no município da Baía da Traição, na Paraíba, junto a um relato biográfico da Pajé, cuja história com a pajelança e as plantas de cura são lembradas e trazidas para o presente. O diálogo entre as experiências das duas autoras traça um caminho em que a biografia das plantas rege as aberturas do encontro médico entre a biomedicina e a etnomedicina, nas políticas públicas de saúde oficiais e como a fitoterapia tem sido implantada no Sistema Único de Saúde (SUS). Ao acompanhar a história dos Potiguara, na Baía da Traição; a transformação de uma indígena em Pajé, curandeira e professora; a experiência de uma antropóloga com a cultura da terra, refletimos sobre o retrato biográfico que as plantas nos apresentam e de que modo a etnomedicina mobiliza raízes ancestrais para o centro das políticas de saúde.**Keywords:**  
indigenous phytotherapy;  
ancestral roots;  
ethnomedicine; earth culture.**Abstract:** This text brings a dialogue between a Pajé, from the Potiguara ethnic group, and an anthropologist about health and ancestral culture based on indigenous phytotherapy. It is an experience report of the course taken with the Pajé Amanacy, in the municipality of Baía da Traição, in Paraíba, together with a biographical account of the Pajé, whose history with the pajelança and the healing plants are recalled and brought to the gift. The dialogue between the experiences of the two authors traces a path in which the biography of plants governs the openings of the medical encounter between biomedicine and ethnomedicine, in official public health policies and how phytotherapy has been implemented in the Unified Health System (SUS). By following the history of the Potiguara, in Baía da Traição; the transformation of an indigenous woman into a Pajé, healer and teacher; An anthropologist's experience with the culture of the land, we reflect on the biographical portrait that plants present to us and how ethnomedicine mobilizes ancestral roots to the center of health policies.

\* Endereço para correspondência: Universidade do Grande Rio, Avenida Perimetral Professor José de Souza Herdy - de 534 ao fim - lado par. Jardim Vinte e Cinco de Agosto - Rio de Janeiro, RJ - Brasil. E-mails: [brandao.beatrizm@gmail.com](mailto:brandao.beatrizm@gmail.com), [sanderlineribeiro@gmail.com](mailto:sanderlineribeiro@gmail.com)



## Introdução

Para se conhecer as culturas indígenas a fundo há de se compreender os seus reinos. Muito além dos significados dos reinados de poder político, são as biografias dos reinos - vegetal, mineral e animal - que contam a história da vida e do mundo para os povos originários. As riquezas da ancestralidade ainda permanecem vivas devido ao sustento que esses reinos dão à capacidade de pisarmos num chão. Quando trazemos o termo ancestral, falamos no mais elementar dos recursos: das raízes. Não há como ser ancestral na desconexão com o âmago formador de todo vínculo.

Nesse contexto, há o retorno a uma cultura da terra no cuidado com o corpo. Um movimento de reapropriação junto aos significados da “retomada”.<sup>1</sup> Ao retomar aos estímulos identitários encontrados na base é revelada uma interdependência cuja saúde não é circunstancial, e sim histórica. A ligação das raízes ancestrais com a vida do reino vegetal está fundamentalmente conectada ao entendimento de saúde, que se constrói com outra forma de racionalidade. Saúde sempre num conceito integrado, nunca dissociada da natureza, das pessoas e da espiritualidade, tanto ao cuidado quanto às práticas de cura.

Não à toa as Fitoterapias Indígenas entraram num circuito de política de saúde oficial por seu uso no Sistema Único de Saúde (SUS),<sup>2</sup> promovendo um encontro médico entre a biomedicina e a etnomedicina. Segundo Andrade e Sousa (2016), essa união constrói novas formas de hibridismo, resultando uma medicina híbrida contendo características dessas duas influências.

Os programas de saúde para populações indígenas fazem uso do conceito de intermedicalidade para examinar curas xamânicas, uma das marcas de diferenciação nas condutas diagnóstico-terapêuticas. “A OMS tem reconhecido a medicina tradicional e a medicina complementar/alternativa como importantes opções terapêuticas para a saúde pública. Ambas têm longas raízes culturais, assentadas em práticas indígenas” (WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO], 2002, p. 7). Isso porque os saberes indígenas corporificam uma “ciência sustentável” (Broadhead; Howard, 2011).

A relação entre saúde e cultura indígena em sua intermedicalidade, proposta neste artigo, sustenta e fundamenta o relato de experiência sobre uma vivência com Fitoterapia Indígena ministrada pela Pajé Amanacy, do Povo Potiguara, na Baía da Traição – PB. Este texto apresenta o relato com algumas reflexões sobre a Fitoterapia Indígena na política de

---

<sup>1</sup> O conceito de retomada se relaciona a um processo histórico de luta dos povos indígenas por suas terras, por uma reafirmação de identidades étnicas que foram negadas devido à pressão e à violência do Estado e da colonização.

<sup>2</sup> A inserção da Fitoterapia no SUS é objetivo de duas políticas públicas formuladas em 2006, em momento de respostas à agenda por políticas públicas e sociais, num clima de reivindicação popular por essa terapêutica, prática no cuidado em saúde. As diretrizes da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, PNPMF (Brasil, 2006a), e da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, PNPIC (Brasil, 2006b), representam a conquista da agenda governamental pela Fitoterapia e também das propostas acadêmicas e de organizações internacionais de saúde pela sua introdução nos sistemas de saúde (Brasil, 2012).

saúde, seguida de uma apresentação do território e da etnia Potiguara, finalizando com as palavras da Pajé Amanacy sobre a sua história. Trata-se, portanto, de um relato de experiências em duas instâncias, de uma antropóloga e pesquisadora, que rumo para a Paraíba a fazer um curso de Fitoterapia Indígena, buscando um recomeço ancestral; e da professora do curso, a Pajé Potiguara que, nesse texto, partilha seus saberes e sua trajetória.

**Figura 1:** Pajé Amanacy e alunas no Curso de Fitoterapia Indígena.



**Fonte:** acervo pessoal das autoras.

**Figura 2:** Ervas dispostas na mesa para o início da aula



**Fonte:** acervo pessoal das autoras.

**Figura 3:** Material na mesa para o início da aula



**Fonte:** acervo pessoal das autoras.

**Figura 4:** – “Colônia”



**Fonte:** acervo pessoal das autoras.

### **Recomeço ancestral**

Tomada pelo desejo do recomeço ancestral, rumei na busca de uma saúde que fizesse sentido para a terra. Na premissa de que não há como dissociar que somos extensão da natureza em seu estado bruto. Fui na perspectiva de transpor o corpo como ferramenta de uso para a completude da vida. Se mudo o verbo da posse: “não tenho um corpo, mas eu sou o meu corpo” (Le Breton, 2011), eu sou também a forma de cuidado, sou a escolha da saúde dele. O que a história, a cultura, a terra e os reinos poderiam me ensinar sobre o corpo? Saber que a biografia não é somente humana, da experiência do eu, mas também do que é matéria para além de mim.

Cheguei num espaço cercado de mulheres que buscam a sua origem íntima, ali onde o centro do nosso coração bate junto com o coração da terra. Na verdade, o que buscávamos não era o novo e sim a mais antiga forma do cuidar de si e cuidar das dimensões do que nos transcende, já que: “o registro do uso de plantas com fins terapêuticos data de tempos primórdios e se confunde com a história do farmacêutico e da medicina. A fitoterapia é considerada uma das primeiras formas de cuidado da saúde utilizada pela espécie humana” (Brasil, 2012, p. 13). É ela anterior ao conhecimento colonial.

O saber vegetalista ameríndio excedia o conhecimento botânico europeu, mas esse saber fitoterápico foi desprezado por muitos naturalistas, exceto Guilherme Piso, que afirmou que em muitos campos da medicina os indígenas curavam melhor. As plantas por eles conhecidas se tornaram alguns dos fármacos mais importantes do mundo e a etnobotânica se tornou uma ciência interdisciplinar (Carneiro, 2009, p. 13).

Sabia pouco perto do que aprenderia naqueles dias imersivos entre nomes de ervas e plantas jamais vistas, ao lado de um conhecimento que nunca me foi passado em nenhum espaço formal de ensino, nem na minha família, nem em igrejas ou nas rodas de amigos e ambientes de lazer. Como se toda a minha vida estivesse desvinculada com o que fecunda vida.

Fomos recebidas por uma Pajé mulher, que estuda e vive a influência das entidades femininas que acolheram espiritualmente o povo indígena quando buscavam refúgio nas matas. Em sua pesquisa de dissertação ela conta a sua própria história entremeadada com a de seu povo Potiguara e a de tantos outros que semearam origens na terra: “as entidades femininas trouxeram ensinamentos no uso das ervas, banhando os corpos suados e feridos nos processos de perseguição, revelando os conhecimentos e a capacidade das mulheres que, corajosamente, enfrentavam o poderio eclesial” (Santos, 2021, p. 11).

Durante o curso, num dos dias de sol a pino do verão de janeiro, saímos todas ao jardim para colher babosa. Pajé Amanacy parou em frente à planta e disse: “*Licença, salve sua força!*” Logo virou para nós e explicou:

*[...] estou pedindo licença, permissão para cortar, e eu vou cortar lá na base porque ela está se reproduzindo. Prestem atenção no horário que vão colher, se for num horário que ela está trocando energia com o sol podem se intoxicar. Tem gente que fala que tem alergia à babosa, vai descobrir a hora que ele coletou que terá a resposta.*

A Pajé nos mostrou o que alguns historiadores pesquisam sobre etnomedicina na prática.

O trabalho de observar as plantas, de se informar com os indígenas e de descrever e ilustrar os espécimes e conhecer suas virtudes foi um dos desafios mais instigantes para a História Natural da época renascentista, que buscava ampliar o seu domínio para o conjunto do planeta, englobando num único corpo de conhecimento o conjunto das formas de vida (Carneiro, 2009, p. 14).

Pajé Amanacy nos despertou para a vida vegetal, sobre a biografia existente na trajetória da planta, do reconhecimento no que a define em ser vivo com detalhes: ter seus horários, ter a sua rotina, as suas preferências, sua expressão no cotidiano, suas formas de

convivência e o ato relacional com o humano. Para além da noção de “ser vivo” do vegetal estar conectado a metabolismo ou a um tipo de fisiologia, a fitoterapia indígena mostra que há uma intrínseca consciência que promove o que compreendemos como cura.

De uma maneira geral, a cura está ligada ao fato de pessoa ferida ou doente recuperar a sua saúde, é o processo de sua restauração. Se a cura se relaciona à saúde e essa deve ser integral, a “etnomedicina” indígena tem na cura um reestabelecimento regenerativo entre corpo e espírito.

Em antropologia, o termo “etnomedicina” responde pelas crenças e práticas terapêuticas em contextos culturais marcados pela etnicidade. Envolve conhecimentos locais, incluindo a estrutura de parentesco, o pertencimento à terra e os sistemas linguísticos e mitológicos compartilhados. Estes conhecimentos não são estáticos, mas estão em contínuas trocas com o mundo globalizado, por meio da urbanização, dos circuitos econômicos e dos sistemas públicos de saúde e educação (Andrade; Sousa, 2016, p. 183).

**Figura 5:** “Embaúba”



**Fonte:** acervo pessoal das autoras.

Na cultura dos povos originários, a ancestralidade não corresponde somente aos nossos antepassados humanos ou de nossas linhagens de parentesco e genealogia. Os reinos naturais são, também, os nossos ancestrais. Respondem pela nossa vida, pelo nosso elo familiar, por nossa continuidade e por uma vida com sentido indissociável com todos os seres não humanos que vieram antes de nós: sejam eles vegetais, animais, minerais ou “encantados”. Segundo a Pajé Amanacy, em sua dissertação, “na cosmovisão Potiguara, a espiritualidade permeia os ambientes e esses seres sagrados se apresentam como guardiões, retomam o poder sobrenatural de proteção e propiciam a reflexão contínua da ancestralidade” (Santos, 2021, p. 22).

Para os indígenas a existência desses seres não está em causa. Eles são dados empíricos, resultantes da experiência concreta de interação com os ecossistemas locais. Pouco importa se são chamados de mitos ou espíritos, fazem parte da vida cotidiana e devem ser levados em conta pelas pessoas que se aventuram por seus domínios. Alguns Potiguara costumam estabelecer uma diferença entre mito e lenda. Para eles, um mito tem existência real, embora não seja visível ou tangível na maior parte do tempo. Já uma lenda, é uma ficção, algo inventado pela criatividade das pessoas e que não existe de fato (Palitot, 2020, p. 126).

A floresta não é inanimada, ela possui um espírito que traz vida ao que existe nela e a partir dela. O significado de vida é amplificado em que a cura corporificada se transmuta em poder, espírito, alma. Nos saberes indígenas, existe poder nas plantas, elas são dotadas de vida, o espírito que habita nelas e nas florestas dá direcionamento e encaminha uma via para as curas em sua integridade. No caso específico do que vivíamos ali direcionadas pelo conhecimento do feminino ancestral de uma pajé, era o espírito das *encantadas* que nos davam a guiança. A pesquisa de Sanderline Santos (2021) confirma esse pensamento, ao mostrar que são os seres míticos femininos que estabelecem a ordem nos reinos que dominam e são respeitadas pelas populações indígenas e não-indígenas.

As entidades femininas e que estão presentes também nas práticas repassadas de geração para geração, merecendo especial destaque para os mitos das Bruxas de Coqueirinho, Comadre ‘Fulozinha’, Mãe d’água e a influência da Cabocla Jurema, que é sempre mencionada nos rituais indígena, em outros atos religiosos e nas canções como sendo uma encantada capaz de auxiliar nos processos de cura física e defesa espiritual (Santos, 2021, p. 13).

A relação entre a força das encantadas na tradição indígena, que retoma a sua etnia territorializada, tornando cada passo um rito, muito revela sobre interseccionalidade. Ao dar sentido à Cultura da Terra por uma perspectiva feminina, a ação das pajés remonta um conceito de gênero indissociável de classe, etnia, raça, religião e espiritualidade. Assim, reverbera efeitos e consequências decoloniais para novas formas de vivência e permanência.

No recomeço fruto de uma imersão num feminino partilhado – entre nós, entra as plantas, as ervas e as “encantadas” – compreendi mais do que o espírito da mata conta sobre o social, sobre o que a biografia revela sobre o coletivo, sobre o que a terra anuncia sobre a saúde, o que os saberes decoloniais declaram aos conceitos interseccionais.

Entendi a força das mulheres juntas quando pegam a mesma erva para macerar. Entendi o significado da alquimia na prática, em como a biografia das plantas e as nossas se conectam num poder que se alimenta de nós mesmas e das seivas de ervas e folhas que brotam vida. Saio mais mulher, mais viva, mais habitante, mais pés, mais caminho, mais ar, mais nós e mais eu.

A força da mata traz a força das águas, traz a força do céu, da terra e dos elementos da natureza, nos conectando com a ancestralidade. Nós somos compostos da natureza, compostos de água e ao finalizar o ciclo vital, a mãe terra nos acolhe e nela somos plantadas. Enfim, tudo isso faz com que nós tenhamos o sustento para caminhar, para encontrar o sentido de nossa

existência, pois na cultura indígena aprendemos que não existe educação sem fortalecimento desses laços, não existe pensar o ensino sem essa conexão ancestral, sem estarmos integrados com as partes que nos formam.

### Os Potiguara na Baía da Traição - PB

*Xe Tupã, Xe Tupã, Xe Potiguara*

*Xe Potiguara Kó Tupã yby pupé*

*Arur arara, karaúna, arur xéxeu,*

*Opá-gúyrá ybak-yguara*

*O-i-me'eng Tupã ixébe*

*Sou Potiguara nesta Terra de Tupã*

*Tem uma arara, carauna e xéxeu*

*Todos pássaros do céu*

*Quem me deu foi Tupã<sup>3</sup>*

O espaço que nos recebeu foi a Baía da Traição,<sup>4</sup> na Paraíba. A cidade recebe esse nome por ter sido o local de conflito, na época da chegada dos invasores, originado de duas versões que são pontuadas por seus habitantes, uma que os portugueses se sentiram traídos pelos indígenas que colocaram as mais belas mulheres de seu povo para recepcioná-los e em seguida os atacaram com suas flechas. E a outra versão de que os indígenas foram traídos pelos portugueses que chegaram oferecendo especiarias e aos poucos foram levando as riquezas naturais de suas terras.

Os Potiguara carregam uma história recheada de mitos e de uma força com o sangue da luta desde o processo colonizador. Nascimento (2012, p. 11) afirma que “a etnia Potiguara durante quinhentos anos foi bastante perseguida e massacrada por questões religiosas e fundiárias”. Podemos afirmar que os conflitos foram estendidos à proibição do uso da língua materna e das práticas ritualísticas, as quais por esta razão eram realizadas às escondidas, nas escavações subterrâneas presentes na natureza, evidenciadas em algumas das 33 aldeias, que compõem o território indígena e estão localizadas no litoral norte da Paraíba.

Guardiões de uma tradição indígena milenar os sábios anciãos se apresentam como eixos centrais no processo de transmissão do conhecimento por trazerem consigo uma bagagem com suas histórias e memórias, expressas em torno de uma educação pautada pelo espírito coletivo, para edificar valores espirituais e sagrados no meio da etnia (Mendonça; Nascimento; Barcellos, 2020, p. 105).

---

<sup>3</sup> Ritual do Toré dos Potiguaras.

<sup>4</sup> Informações IBGE sobre Baía da Traição: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/baia-da-traicao/historico> e <https://www.baiaatraicao.pb.gov.br/a-cidade/historia>

Os Potiguara assumem uma postura de guardiões da terra e de sua tradição desde 1501 quando foram colocados como um povo arredo e agressivo pelos invasores. Colocavam-se já em posição de resistência ao proteger seus rituais e parte do litoral do nordeste brasileiro, onde habitavam. Segundo Palitot (2015), os Potiguara ocupavam um território que se estendia pela costa nordestina entre as atuais cidades de João Pessoa, e Fortaleza, no Ceará. Na Paraíba, ocupavam o Litoral Norte, principalmente no vale do rio Mamanguape, da baía da Traição até a serra da cupaoba – atual Serra da Raiz – onde possuíam, de acordo com os cronistas portugueses, 50 aldeias. “Atualmente, os Potiguara ocupam um território de 34.756 hectares, com uma população de aproximadamente 20 mil indígenas, residindo em 33 aldeias, ambas situadas entre os municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto” (Barcellos; Soller, 2012, p. 33).

A resistência nordestina em relação ao processo de decolonialidade no Brasil é evidente na trajetória dos Potiguara. Sendo a decolonialidade um campo teórico e político que busca desafiar e superar as estruturas de poder coloniais que continuam a influenciar as relações contemporâneas. Esse grupo é originário da vasta família linguística tupi-guarani, considerada a maior e mais poderosa no Nordeste, com uma população de cerca de 100.000 habitantes. Os Potiguara enfrentaram os colonizadores e outros adversários sem medo, lutando corpo a corpo, o que gerou uma percepção equivocada de traição por não se adaptarem às imposições dos portugueses, que eram contrárias aos seus princípios éticos e morais.

No caso dos Potiguara, a decolonialidade é especialmente relevante, uma vez que eles foram impactados pela colonização europeia e pelos processos de assimilação cultural forçada. Ao se apropriar do conhecimento decolonial, os Potiguara podem questionar e desafiar os discursos dominantes que tentam negar, apagar ou inferiorizar suas identidades e culturas. Eles podem reafirmar sua autonomia, valorizar seus saberes e lutar pela recuperação de suas terras e direitos.

Através do reconhecimento da etnia Potiguara como um grupo específico, com sua própria história, língua, tradições e cosmovisão, podemos entender que eles não são apenas uma parte homogênea e genérica de uma categoria geral de "indígenas". É amplamente conhecido que há um processo de mistura cultural que, às vezes, se entrelaça dentro do grupo indígena Potiguara, e essa realidade é resultado de uma história de imposições culturais que têm influenciado o modo de vida dos povos nativos que habitavam a região litorânea do Brasil. Por esse motivo, os Potiguara trazem consigo elementos da diversidade religiosa, que se tornam evidentes nas aldeias indígenas dos municípios paraibanos de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, onde as matrizes religiosas de origem católica, protestante e afro convivem entrelaçadas com a tradição indígena.

Entretanto, foi a partir do século XIX, especialmente nos anos 1980, que os indígenas alcançaram visibilidade por conta das manifestações que promoveram na busca de direitos e garantias de vida coletiva enquanto nação politicamente organizada. Para recuperar as origens, os ressurgentes indígenas se engajam numa luta constante que se configurou nesse mesmo período na autodemarcação de suas terras, reivindicando dessa forma do poder público um posicionamento quanto à legalização desses territórios auto demarcados (Mendonça; Nascimento; Barcellos, 2020, p. 110).

Até os dias atuais algumas aldeias encontram-se na luta pela homologação definitiva, a exemplo da Terra Indígena Monte-mor, que aguarda pelo seu reconhecimento oficial pelo atual presidente da república. A presença de plantios de cana-de-açúcar evidencia que a terra sofreu um grande desmatamento acarretando o desaparecimento de várias espécies nativas, causando mudanças na fauna e na flora da região, impactos ambientais nos cursos dos rios e na sequência, uma transformação negativa no espaço de concepção dos costumes e práticas ancestrais de cura, bem como na reverência dos seres espirituais da natureza sagrada.

Durante as últimas décadas do século XX, ocorre o processo de emergência étnica, conduzindo esses indígenas a se engajarem em movimentos em defesa de suas origens. Este fato representou um avanço na trajetória dessa gente, o que fomentou novas linhas de interpretação e de investigação sobre o seu passado.

Neste debate, a biomedicina deve ser entendida no contexto da colonização e do eurocentrismo. Ao mesmo tempo, a medicina tradicional, em sua diversidade de usos e tecnologias, apresenta-se como conhecimento local e comunitário, marcado pela pluralidade de modos de conhecimento sobre a vida, a morte e a transcendência (Andrade; Sousa, 2016, p. 182).

## A Pajé

*Você sabe como é a vida de quem é pajé? Enquanto muita gente dorme e consegue descansar, nosso espírito trabalha saindo para auxiliar aos que estão necessitados, sem hora e em qualquer lugar. Nunca falta quem critique, o trabalho que a gente faz mas na hora do desespero/ advinha de quem é que vão atrás? A gente dorme muito tarde e acorda muito cedo, encara cada desafio que muita gente morre de medo. A gente vive sempre atento, buscando ao máximo ajudar, deixando o cansaço de lado, procurando saber como está. Essa missão que nos foi dada, fácil não diga que é, pela Jurema Sagrada que nos mantém assim de pé. Fazendo banhos, garrafadas, lambedores e pomadas, se não é fácil ser pajé homem, imaginem ser pajé mulher.*

*“Vida de Pajé” Sanderline Ribeiro dos Santos*

Encontramos em alguns lugares o uso do termo xamã ou pajé para identificar a pessoa responsável na aldeia, por realizar a produção dos remédios e promover a cura do campo físico ou espiritual. Entre os Potiguara, o termo pajé é designado tanto para se referir ao homem quanto à mulher que faz uso das ervas para proporcionar o bem-estar. Categoricamente, é a pessoa a quem se destina a missão de manter o contato com as entidades espirituais, como a Cabocla Jurema, Comadre Fulozinha, Mãe d'água, entre outras, e conduzidas por elas, preparar a medicina tradicional com a finalidade de socorrer a quem esteja a padecer de algum mal.

Medeiros *et al.* (2020, p. 1093), explicam que “Os rituais indígenas são carregados de uma cosmogonia própria, com seus mitos, ritos e espiritualidade. A força da ancestralidade é a própria força do indígena, não há como descrevê-la fidedignamente, apenas vivenciá-la”.

Sou Sanderline Ribeiro. Esse é o nome de Registro e o nome indígena recebido pela espiritualidade é Amanacy, quer dizer na língua tupi antigo: mãe da chuva. Sou da etnia Potiguara, resido na cidade de Rio Tinto, no litoral norte da Paraíba. O Canto da Jurema é o nome indicado pela espiritualidade para identificar o espaço no qual trabalho realizando atendimentos, cerimônias e rituais de cuidados físicos e espirituais com quem chega precisando de auxílio. Partindo para a análise de quem se é, quem nós somos, de onde nós viemos e aonde queremos um dia chegar, surge a seguinte reflexão: para que eu estivesse aqui existiram pessoas que deram continuidade a minha geração, à minha existência. Pessoas que antecederam nas práticas, nos costumes, nos rituais, nos conhecimentos, para que eu fosse como uma sementinha, aos poucos brotando e descobrindo o seu local de fala, o seu local de origem e assim pudesse florir.

Na infância, passava os finais de semana entre a casa da avó materna e da avó paterna, eram nesses movimentos em que a cada final de semana estando com minhas avós, na presença das mulheres, muito forte na minha família, eu via tanto a vó materna quanto a avó paterna mexendo com ervas. Quando chegava alguém à procura de alguma erva que atendesse alguma necessidade específica, minha avó prontamente guardava no seu quintal o verdadeiro arsenal de ervas que eram cultivadas e estava à disposição dos seus cuidados e de quem chegasse precisando. Envolvida entre muitos cheiros, os quais estão guardados na memória olfativa e fazem parte do acervo de lembranças desses momentos, que ficaram gravados e eram regados de algumas necessidades espirituais, fui uma criança muito doente.

Durante a semana eu residia na cidade com os meus pais, era nos finais de semana que eu tinha o contato com a natureza, com as ervas e com todos os mistérios e encantos que tanto uma quanto a outra avó poderiam me oferecer nos momentos em que eu estava doente. Recordo muito bem que minhas avós, cada uma na sua especialidade, se prontificava para cuidar daquela enfermidade que me atormentava, seja no campo físico ou espiritual. No campo físico, geralmente eu apresentava várias crises de asma, processos respiratórios que se agravavam dava trabalho para ambas avós, aos meus pais e a uma equipe médica que na cidade, há cerca de 40 anos atrás, estava disponível para atender a população do meu município e assim. Fui crescendo em meio aos cuidados que os médicos ofertavam e sendo assistida também pelas minhas avós.

Lembro que uma cuidava mais da parte de reforçar a minha alimentação, ela preparava, o que a gente hoje chama de cabeça de galo, eu tinha que tomar logo cedo, mesmo

sem querer, para fortalecer a imunidade, em seguida tomava um banho gelado de cabeça. Ela vinha com lambedor que tinha preparado, de um fruto chamado jenipapo, e quando eu estava na casa da avó materna me via cercada também por uma variedade de ervas e cuidados espirituais, algumas plantas estavam destinadas tanto para o preparo das chamadas meisinhas, que é o que hoje a gente entende por produto fitoterápico. Ela pegava a planta, manipulava e preparava uma porção destinada a combater alguma enfermidade que acometia alguém, outras ervas tinham a finalidade de limpezas energética ou espiritual, utilizadas em mim quando estava passando por problemas espirituais, cansaço, fadiga, sonolência, entre outros. Minha avó materna, além de parteira, era curandeira, benzedeira, era aquela mulher que tinha um conhecimento ancestral e cuidava de quem chegasse necessitando na sua porta na sua casa.

Desse modo eu fui sendo em primeiro lugar assistida por ela, ela foi a minha primeira benzedeira, a primeira mulher que pegou as ervas e passou no meu corpo para ir me limpando. Porém, quando eu estava distanciada da casa de vó, na cidade, eu ainda encontrava outras pessoas que exerciam o ofício do benzimento, o exercício da reza, da prática de cuidar das pessoas passando os ramos, deslizando as folhas sagradas no corpo para limpar, enquanto sussurrava rezas, quase incompreensíveis de tão baixa que era a voz, para tirar alguns carregos, como hoje a gente costuma melhor falar. Ainda assim, nunca cheguei a imaginar que na minha fase adulta, eu estaria desenvolvendo um trabalho semelhante ao dela. Nem cultivar as plantas medicinais nem muito menos de exercer seu ofício de cura. Na fase adulta, quando eu já não tinha mais minhas avós com vida, eu me encontrei bastante enferma, e o outro rezador que me atendia, também havia desencarnado. Foi nesse momento que eu comecei a refletir que iria morrer porque não encontrava mais quem preparasse a mesinha, quem pudesse fazer o benzimento, quem cuidasse de mim.

Foi naquele dia, no local que hoje é chamado de canto da Jurema, eu sentada diante de várias árvores que brotam nesse espaço, comecei a dizer para mim: *“eu sei que eu vou morrer, eu sei que eu vou morrer”*. Foi nesse momento que eu escutei uma voz se aproximar e dizer: *“você está assim porque quer”*. Na mesma hora eu perguntei: *“como alguém está doente porque quer?”* E a voz me respondeu: *“basta fazer o que sua vó fazia e aí estará a sua cura”*. Na mesma hora eu comecei a questionar: minha avó era parteira, curandeira, benzedeira, rezadeira, eu vou ter que fazer tudo isso para ser curada? Naquele exato momento, a voz me respondeu: *“comece pela sua cura!”* E essas palavras soavam como charadas.

Nesse momento de reflexão lembrei do que minha vó fazia quando eu estava doente na infância, me recordei quando ela chegava com os potes de lata de leite cheios de lambedor de jenipapo preparados, colocava na porta da geladeira e dizia: *“é para você tomar uma colher de sopa pela manhã, de tarde e de noite, depois tome banho”*.

Me vi orientada pela espiritualidade, por essa voz que eu ouvia, a procurar imediatamente um pé de jenipapo, saí depois do almoço, andei um bocadinho e encontrei. Por sorte quando cheguei, ele estava cheio de frutos maduros, que possuem um cheiro forte. Comecei a apanhar os jenipapos, a coletá-los, levei para casa uma sacola cheia de jenipapos. Ao chegar em casa, tirei a casca do Jenipapo, separei sementes e reservei a polpa, coloquei no liquidificador, cobri com água, processei, depois levei para uma panela, peguei açúcar mascavo, misturei e foi a primeira vez que eu fiz o meu próprio lambedor sem a presença física de vó Maria e de vó Teodora. Quando o lambedor ficou pronto deixei esfriar, engarrafei e decidi fazer um registro e coloquei nas redes sociais, foi quando começou a aparecer pessoas dizendo que queriam também.

Minha mãe olhou para mim disse assim: *“minha filha então faz, mas se lembre que o açúcar mascavo tá caro e você vai precisar de bastante para dar conta do tanto de gente que vai chegar”*. Ela lembrou quando as pessoas chegavam na casa de vó para pedir ajuda a vó fazia de boa vontade, quem quisesse depois retribuir de alguma forma, mas eu entendi que naquele momento, minha falava do preço do açúcar mascavo, dessa energia de troca porque acredito que ela já sentia o quanto que essa missão ia crescer, pelo tanto de gente que existe que ia chegar buscando ajuda. Então, foi o meu primeiro momento de ouvir a espiritualidade falar. Isso aconteceu esse momento da orientação chegar para que eu buscasse da minha cura e eu achava que eu ia morrer. Eu estava numa fase da vida que acometida por crises fortes de asma, chegando a tomar cada duas horas a cada duas horas 10 gotas de um medicamento chamado Atrovent 10 gotas de Berotec no nebulizador.

O meu corpo já vivia tremendo coração batia acelerado constantemente por causa dos efeitos colaterais da medicação, as reações adversas e quando comecei a tomar aquele lambedor que produzi, os meus pulmões começaram a liberar secreções, passei a respirar melhor, fortalecia a minha imunidade. Não precisei mais tomar essa medicação e levei para ser doado no posto de saúde da comunidade porque eu sabia que tinha outras pessoas necessitando de cura ainda no processo de tratamento com essa medicação. Não era a cura, mas um alívio momentâneo, e a partir do momento que as pessoas começaram a vir buscar o lambedor de Jenipapo foram surgindo outras pessoas que começaram a me buscar na necessidade de ter auxílio para dores com problemas internos. Dessa forma, o trabalho foi crescendo trabalho e eu fiz o que me era possível com essa conexão com a espiritualidade de ouvir o que a espiritualidade estava a me dizer.

Os seres Encantados, os guardiões espirituais, foram me ajudando a retomar as práticas ancestrais ritualísticas, ao participar do ritual do Toré, ao me conectar com os caboclos e caboclas que regem a ritualística indígena. Foram nesses momentos que eu me

fortaleci quanto pessoa identificando a minha missão podendo ajudar outras pessoas que chegavam necessitando de cura e sendo curada, que eu queria cuidar das pessoas. Hoje eu vejo como uma forma de retribuir o que também foi feito.

A nossa alma, o nosso corpo, nosso espírito, nosso ser anseia por essa conexão com a nossa ancestralidade seja ela indígena, seja ela negra, seja ela qual for. O importante é a gente reverenciar e entender quem eu sou, de onde eu venho. Depois que eu dei esse “sim” de reconhecer o que minha avó fazia era importante, passei a gostar do Cheiro das Ervas do chá, e pude ser alguém melhor. Sabe aquela prática da sua avó do seu avô de pegar o cachimbo de acender e mandar fumaça? Isso é cura. Sabe aquela prática de pegar as ervas botar no balde, mexer com as mãos, e preparar um banho? Lá tem cura. Sabe aquele preparado de cascas de raízes, colocada numa garrafa e coberta por um líquido, as chamadas garrafadas? Lá também tem cura. Sabe o chão que a gente evita pisar porque nos dias atuais, a maioria do povo calçado e tem que estar bem arrumado, bem vestido, preocupado com a aparência? Aquele chão que a gente evita pisar também tem cura.

Às vezes as pessoas chegam aqui no canto da Jurema buscando ajuda porque já buscaram em todos os locais nos médicos, os atendimentos psicológicos, nas igrejas e não conseguem encontrar a solução. Quando começamos a conversar, a gente vê que se a pessoa olhasse com carinho para sua ancestralidade e reverenciasse espiritualidade que acompanha cada um e cada uma, a vida seria mais bonita, o peso seria menor, tudo ficaria mais leve. Para reverenciar esses aspectos não precisa tá dentro da aldeia, comece fazendo isso do lugar que você está. Hoje eu não estou residindo na aldeia, resido numa área que ainda não foi reconhecida como território indígena, apesar de ter vários indígenas.

A minha casa é a minha aldeia, na minha casa eu reverencio os meus ancestrais, na minha casa eu convoco toda a espiritualidade, toda força Encantada para trabalhar para conduzir para auxiliar quem estiver chegando. Independente do lugar que você esteja e que eu estou é preciso a gente compreender que por mais que a gente mude a forma que as pessoas estão nos vendo, você não consegue mudar seu sangue, você não vai conseguir mudar as suas raízes as suas origens. E se você não consegue mudar, em algum momento da sua vida você vai ser convidado a olhar para dentro de si, para as suas veias, para a sua existência, para reconhecer quem são seus ancestrais. Quando você conseguir fazer isso, vai encontrar os meios de se conectar com os lugares de locais de cura.

Você começa a sentir que a energia de cura existe na terra, na água, no sol, no fogo, no ar, a gente consegue encontrar, o que muita gente chama de Deus, essa força, esse poder superior em tudo que está ao nosso redor e a reverenciar. Não foi fácil também fazer isso, não foi fácil eu reconhecer quem sou, eu precisei chegar no momento de dor para quebrar o meu

orgulho, e dar um passo atrás, porque muitas vezes são os nossos passos, as nossas atitudes, que nos distanciam do que pode nos curar.

Na condição de educadora, de professora, lembro que quando eu comecei a minha prática docente, fui chamada para assumir a gestão escolar da maior escola da minha cidade. No dia que eu cheguei na escola pintada com Jenipapo, fui apertar a mão do porteiro para desejar boa tarde que já estava estendendo as mãos para apertar a minha e, imediatamente, ele puxou a sua mão disse não: *“eu não vou apertar sua mão não porque sua mão tá suja, vai sujar a minha”*. Na hora eu dei uma risada e disse se toda sujeira do corpo fosse essa tinta a gente estaria curado, disse para ele ficar tranquilo porque essa tinta não ia manchar a dele, muito menos ia fazer mal.

Quando eu entrei nos corredores da escola todos os alunos começaram a olhar a diretora toda pintada e alguns alunos, que eram indígenas, começaram a se se ver naquele momento na minha pessoa, achando bonito e a partir daquele momento eu senti a necessidade de desenvolver na escola um projeto de valorização da cultura indígena. O interessante é que mesmo tendo no quadro de professores profissionais que eram indígenas, eles negavam a sua identidade. Em nenhum momento chegavam para mostrar que pertenciam ao sangue indígena, com vergonha ou talvez por achar que ali não era um ambiente para aquilo. Quando apresentei a proposta de desenvolver um projeto que valorizasse a cultura indígena vi professores se questionando: *“como que eu sou da área de geografia vou trabalhar a cultura indígena?”* Para mim tudo estava muito claro, tudo era muito fácil, porque na condição de pedagoga eu sabia que a gente poderia trabalhar todas as disciplinas com essa temática, e na condição de indígena eu via os assuntos que poderiam ser abordados conectados com a cultura indígena. Tive que fazer reuniões, sentar com professores e orientar cada um como poderia trabalhar o que que ele achava que poderia fazer o que ele achava que não era conectado com aquela prática.

Quando chegou o dia da execução do projeto foi algo muito lindo, porque tiveram professores que cuidaram da plantas medicinais; outros estudaram o território, a parte geográfica, as áreas demarcadas e não demarcadas homologadas, e em processo de reconhecimento; outros ficaram com a parte das pinturas dos rituais; houve quem cuidasse da parte das fotografias dos registros, de mexer nas suas raízes ancestrais; no final quando a gente executou foi muito lindo ver professores indígenas com cocar na cabeça, com a pintura e seus alunos olhando para eles e se vendo neles também. Foi muito lindo também ver alunos que não eram indígenas mas que passaram a reconhecer que dentro do nosso município existe um indígenas, e que o saber indígena poderia ser valorizado na escola ou em qualquer lugar, professores que instigaram os alunos a fazerem pequenas gravações de relatos, de reproduzir os

mitos as lendas que a avó, que o avô contavam, que cresceu ouvindo na infância, e o mais bonito ainda foi ver os alunos e alunas dançando o Toré, a dança Sagrada com a diretora na escola. Aqueles professores que ainda não tinham feito nada eles viram a oportunidade de fazer algo. Uma das professoras indígenas pegou um microfone e foi cantar as canções do Toré, enquanto a gente dançava ritual. No final do ano a gente colocou o projeto para concorrer uma premiação que, se ganhássemos, todos da escola iam ser contemplados e a escola foi campeã. A escola foi contemplada com o prêmio que na época chamava-se “Escola de valor”.

Muitos parentes indígenas ainda negam as suas origens, não querem falar da sua história porque também não foi uma história bonita, nem para o povo indígena, nem para os povos de comunidades tradicionais, nem para o povo quilombola. Foi uma história de dor, de luta de sangue, derramado e que alguns das nossas gerações tiveram que silenciar a questão de identidade de autorreconhecimento para não sofrer punições, para não passar por torturas para não serem perseguidos. Porém, nos dias atuais é salutar a gente reverenciar engrandecer a luta daqueles que nos antecederam, não ter vergonha de onde a gente vem.

Quando a gente tem as oportunidades de sentir a energia dos nossos ancestrais nós vamos descobrir nela também a nossa cura. Não tenha medo receio de honrar suas raízes, das suas origens, os seus ancestrais, porque no momento de necessidades são eles que irão te ajudar na realização profissional, pessoal, afetiva, em todas as áreas da sua vida, são eles que vão providenciar a cura que você precisa, são eles que vão pegar na sua mão e dizer o caminho é por aqui. A medida do tempo que você vai se abrindo para essa cura, você também vai conseguindo ouvir melhor enxergar melhor, executar suas atividades de forma produtiva, vai se completando e complementando muita coisa no seu caminhar.

Continuo a caminhada no promover da saúde do bem-estar do Amor o trabalho de Luz, semeando a Paz. A cura está em reverenciar aqueles que nos antecederam e a enxergar o sagrado e o Divino em tudo que a gente faz, desde o cachimbo da avó e do avô que era aceso e defumava todos os ambientes. Desde aos banhos de ervas que se preparavam, desde as mezinhas guardadas com tanto cuidado, para serem usados no momento certo, o que nos antecedeu a tudo o que vem dos nossos ancestrais.

### **Considerações Finais**

A força do espírito da floresta, das encantadas e do feminino, os ecossistemas e suas múltiplas transformações movem a vida e dão contorno ao que entendemos como saúde. O sentido de integralidade dado pelo povo originário chegou há pouco tempo na realidade das Políticas Públicas. As Práticas Integrativas e Complementares se enquadram no que a Organização Mundial de Saúde (OMS) denomina de medicina tradicional e medicina

complementar e alternativa (MT/ MCA), com foco na Atenção Primária à Saúde (APS). No Brasil, foi aprovada, em 2006, a [Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS \(PNPIC\)](#). Assim, vemos o conceito de intermedicalidade, nas interseções entre os sistemas de saúde biomédicos e indígenas, em que há uma crescente defesa da integração da medicina tradicional ao conjunto de saberes e serviços da medicina alopática.

Nas décadas recentes, a medicina tradicional indígena tem recebido um reconhecimento internacional como parte crescente dos sistemas de cuidados em saúde. Sua importância vem da efetividade de seus métodos, de uma significativa presença cultural e da cooperação com os serviços biomédicos, especialmente na atenção primária em saúde (Garnelo; Pontes, 2012).

Dentro desse contexto, pajés no Brasil começam a ter suas sabedorias ancestrais das terras originárias, com seus frutos transformados em saberes de cura. A história da Pajé Amanacy aqui traçada denota a vida de muitas aldeias, muitas pajés, muitos costumes e etnias. Demonstra que as plantas têm percurso biográfico, consciência e existência, e é isso que faz com que a cura esteja conectada à saúde integral.

## **Sobre as autoras**

### ***Beatriz Brandão***

<http://lattes.cnpq.br/4613221064560873>

Professora dos Programas de Pós-graduação em Humanidades, Cultura e Artes (PPGHCA) em Ensino de Ciências e Saúde (PPGECS) da Unigranrio Afya. Coordenadora Executiva da Política Nacional dos Comitês de Cultura do Ministério da Cultura - MinC. Coordenou o núcleo interdisciplinar de História, Letras e Pedagogia de Residência Pedagógica- CAPES (2023-2024). Possui Pós-Doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo, USP (2019-2022). Doutora em Ciências Sociais pela PUC-RIO (2013-2017). Mestra em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ (2011-2013). Atuou como pesquisadora do IPEA na pesquisa nacional sobre metodologias de cuidado a usuários problemáticos de drogas (2019-2020). Foi professora substituta do departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS-UFRJ (2017-2019). Foi professora colaboradora da Pós-Graduação em Educação e Divulgação Científica do Instituto Federal do Rio de Janeiro, IFRJ (2016-2022). Integrou a pesquisa sobre refugiados na Itália, por meio do Intercâmbio entre UERJ, a Università degli Studi di Roma Tor Vergata e CREG - Centro di Ricerche Economiche e Giuridiche (2011-2013). Possui Pós-Graduação/Especialização em Políticas Públicas pela Escola de Políticas Públicas e Governo do Instituto de Pesquisa do Rio de Janeiro, EPPG-IUPERJ e Especialização em Estudos Diplomáticos pelo CEDIN. Graduada em Ciências Sociais (Licenciatura) e em Comunicação Social - Jornalismo. Pesquisa temas relacionados às trajetórias institucionais, conflito e arte, em diálogo com questões de corpo, saúde e gênero. Autora dos romances “Olhos de Giz” e “Por muitos céus” e das peças teatrais “Eu, fim”, “Entre Nós”, “Depois de ter você” e “Paraeufrasiando”.

### ***Sanderline Ribeiro Dos Santos***

<http://lattes.cnpq.br/9546319501757222>

Possui graduação em Pedagogia - licenciatura plena pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2010). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação do Campo, Séries Iniciais, Ensino Fundamental e Médio. Licenciada em Letras- Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Defendeu o trabalho de pesquisa intitulado 'O mítico

feminino das Bruxas de Coqueirinho, Cumade Fulozinha e Mãe D'água'; 2018; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba; Orientadora: Moama Lorena de Lacerda Marques. Especialista em Educação do Campo pela UFPB (2020). TCC O Processo de Reestruturação do PPP em uma Escola do Campo no Município de Rio Tinto: Desafios e Possibilidades. Mestra em Ciências das Religiões pelo PPGCR / UFPB (2021). Dissertou sobre "As Entidades Míticas Femininas, seus encantamentos e coexistências nos lugares sagrados Potiguara da Paraíba." Orientador: Lusival Antonio Barcellos.

### Como citar este artigo:

#### ABNT

BRANDÃO, Beatriz; SANTOS, Sanderline. Saúde, cultura e raízes ancestrais: fitoterapia indígena como prática de cuidado histórico pela biografia das plantas. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Niterói, v. 17, e59437, 2024. <https://doi.org/10.22409/resa2024.v17.a59437>

#### APA

Brandão, B., & Santos, S. (2024). Saúde, cultura e raízes ancestrais: fitoterapia indígena como prática de cuidado histórico pela biografia das plantas. **Ensino, Saúde e Ambiente**, 17, e59437. <https://doi.org/10.22409/resa2024.v17.a59437>

### Copyright:

Copyright © 2024 Brandão, B., & Santos, S. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2024 Brandão, B., & Santos, S. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

### Editora responsável pelo processo de avaliação:

Luiza Rodrigues de Oliveira

### Referências

ANDRADE, João T.; SOUSA, Carlos Kleber Saraiva de. Práticas indígenas de cura no Nordeste brasileiro: discutindo políticas públicas e intermedialidade. *Anuário Antropológico* [Online], v. 41, n. 2, p. 179-204, 2016. <https://doi.org/10.4000/aa.2581>

BARCELLOS, Lusival Antonio; SOLLER, Juan. *Paraíba Potiguara*. João Pessoa: UFPB, 2012.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006*. Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências. 2006a. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/decreto/d5813.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5813.htm). Acesso em: 12 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. *Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006*. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. 2006b. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971\\_03\\_05\\_2006.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html). Acesso em: 12 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica/Ministério da Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Cadernos de Atenção Básica, n. 31. Disponível em [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticas\\_integrativas\\_complementares\\_plantas\\_medicinais\\_cab31.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticas_integrativas_complementares_plantas_medicinais_cab31.pdf). Acesso em: 5 fev. 2023.

BROADHEAD, Lee-Anne; HOWARD, Sean. Deepening the debate over ‘sustainable science’: indigenous perspectives as a guide on the journey. *Sustainable Development*, v. 19, n. 5, p. 301-311, 2011. <https://doi.org/10.1002/sd.421>

CARNEIRO, Henrique. O saber indígena e os naturalistas europeus. *Revista Trajetos*. v. 7, n. 13, p. 47-66, 2009. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/28596>

GARNELO, Luiza; PONTES, Ana Lúcia (Org.). *Saúde indígena: uma introdução ao tema*. Brasília: MEC-SECADI, 2012.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

MEDEIROS, Nilma Maria Porto de Farias Cordeiro et al. O sagrado indígena Tabajara e Potiguara: uma compreensão primeira do saber ambiental em território paraibano. *Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, v. 7, n. 17, p. 1087-1100, 2020. [https://doi.org/10.21438/rbgas\(2020\)071703](https://doi.org/10.21438/rbgas(2020)071703)

MENDONÇA, Joselma Bianca Silva de Souza; NASCIMENTO, José Mateus do; BARCELLOS, Lusival Antonio. Etnoeducação Potiguara: memória dos troncos velhos, cosmologia e saberes existenciais. *Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 105-140, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/52438>. Acesso em: 8 maio 2024.

NASCIMENTO, José Mateus (Org.). *Etnoeducação Potiguara: Pedagogia da existência das tradições*. João Pessoa: Idea, 2012.

PALITOT, Estêvão Martins. *Perícia Antropológica Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór*. Ação Ordinária nº 0000675-10.2009.4.05.8200 Destilaria Miriri x Funai e outros. 1ª Vara da Justiça Federal na Paraíba. João Pessoa, 2015.

PALITOT, Estêvão Martins. A territorialidade dos Potiguara de Monte-Mór: regimes de memória, cosmologia e tradições de conhecimento. *Revista Mundaú*, Maceió, n. 8, p. 115-138, 2020. <https://doi.org/10.28998/rm.2020.n.8.9542>

SANTOS, Sanderline Ribeiro dos. *As entidades míticas femininas, seus encantamentos e coexistências nos lugares sagrados Potiguara da Paraíba*. Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: [https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/noticias\\_desc.jsf?lc=en\\_US&id=1902&noticia=237257345](https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=en_US&id=1902&noticia=237257345) Acesso em 05 fev. 2024

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO traditional medicine strategy 2002-2005*. Geneva, 21 fev. 2002. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/WHO-EDM-TRM-2002.1> Acesso em: 5 fev. 2024.